

Viver em solidão: viúvas, mulheres solteiras e abandono no mundo rural (Espanha e América Latina, séculos XVI-XXI)

Living in solitude: widows, single women and abandonment in the rural world (Spain and Latin America, 16th-21st centuries)

Maíra Ines Vendrame¹

mvendrame@unisinos.br

<https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

GARCÍA GONZÁLEZ, Francisco (ed.). 2020. *Vivir en soledad: Viudedad, soltería y abandono en el mundo rural (España y América Latina, siglos XVI-XXI)*. Madrid, Iberoamericana Vervuert, 520 p.

O livro *Vivir en soledad. Viudedad, soltería y abandono en el mundo rural (España y América Latina, siglos XVI-XXI)*, organizado por Francisco García González, apresenta como problemática o tema da solidão feminina em sociedades rurais, localizadas em espaços e temporalidades diferentes. Dividido em dezessete capítulos (nove dedicados à Europa e oito para a América Latina), o livro destaca os estudos que analisam as unidades domésticas comandadas por mulheres, viúvas, solteiras e abandonadas, que, apesar de viverem sozinhas, não se encontravam necessariamente isoladas, desamparadas ou na miséria, já que podiam contar com recursos relacionais ou materiais. Nesse sentido, os vários capítulos buscam refletir sobre a solidão na sua relação com os processos de rupturas das solidariedades tradicionais em sociedades camponesas, *desfamiliarización* e avanço do individualismo. Especialmente para as mulheres, viver sozinha era uma condição mais frequente do que se imaginava, mesmo que isso não significasse uma total ausência de assistência e recursos relacionais. Os estudos que compõem a presente obra procuram refletir sobre as dimensões, especificidades, contrariedade e significados da experiência social de *vivir en soledad*. Apesar de muitas(os) das(os) autoras(es) utilizarem uma perspectiva regional, centrando-se em dados quantitativos e análises qualitativas de experiências sociais e trajetórias bastante localizadas em um espaço e tempo, elas(es) refletem sobre questões que ultrapassam as fronteiras geográficas e temporais.

O livro pode ser dividido em duas partes: a primeira delas, intitulada *España, una aproximación regional*, traz nove estudos que tratam da Espanha rural. Já a segunda irá se centrar em análises que têm como recorte geográfico diferentes lugares da América Latina. Os estudos dedicados ao território espanhol estão centrados em lugares específicos, em período que se inicia no seiscentos e vem até a atualidade. Hortensio Sobrado abre o livro com o capítulo intitulado *Vivir en soledad en el mundo rural gallego del Antiguo Régimen*. Através de pesquisas quantitativas, constata o elevado número de mulheres que eram

¹ Bolsista Produtividade CNPq nível 2. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Avenida Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei, CEP: 93.022-750, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

chefes da casa, vindo daí a sua importância na estrutura sociodemográfica de amplas áreas rurais do território da Galícia. Porém, as que viviam sozinhas, sem a presença da família, tinham que enfrentar situações difíceis por conta da sua livre atuação, demonstrando grande capacidade de adaptação às adversidades, estabelecendo estratégias de sobrevivência, apoiando-se nas redes de reciprocidades, nas solidariedades fundadas na vizinhança e nos vínculos parentais. Contrariando os discursos oficiais, o mapeamento das práticas cotidianas das mulheres (solteiras, viúvas e ou “viúvas de vivos”) permitiu ao autor apontar para uma participação autônoma e ativa destas mulheres em diversas atividades, como as econômicas, as sociais, na administração dos bens e na articulação de apoios.

No capítulo seguinte, *Mujeres solas en el noroeste de la Península Ibérica durante la Edad Moderna: formas de vida y mentalidades*, María José Pérez Álvarez analisa as unidades familiares chefiadas por mulheres em uma área montanhosa da província leonesa, comparando a representação delas com as que estavam sob a direção de homens. As mulheres chefes de domicílios se viam limitadas por não poder participar de conselhos e decisões da aldeia, necessitando do apoio da comunidade e ajuda da família para poder sobreviver.

O capítulo *Sobreviviendo en la Asturias rural: mujeres solitarias y al frente de un hogar en el Setecientos*, de Patricia Suárez Álvarez, trabalha com o perfil das mulheres que viviam sozinhas, analisando suas profissões, as características das unidades produtivas femininas e sua relação com a comunidade, entre o período de 1749 a 1756. Constata que o número de domicílios chefiados por mulheres que viviam sozinhas ia diminuindo em zonas mais hostis como nas montanhas, e eram mais frequentes na costa por conta das oportunidades de trabalho.

Também tratando das formas de viver na solidão, no estudo *Entre el deseo y la fatalidad: vivir solo en el Aragón del siglo XVIII*, Francisco José Alfaro Pérez parte dos seguintes questionamentos: Quem vive sozinho? O que é viver sozinho? Para responder as perguntas, o autor trabalhou com fontes de naturezas distintas, como os registros de 43 paróquias, processos civis e protocolos notariais da Diocese de Zaragoza, referentes especialmente à segunda metade do século XVIII e às primeiras décadas do XIX. Destaca a necessidade de aprofundar as análises para além dos dados quantificados, devendo eles incidir sobre os indivíduos, suas escolhas, intenções, estratégias e afetos, para identificar os comportamentos das pessoas que viviam sozinhas ou de um grupo representativo delas, o que irá permitir o estabelecimento de comparações com outras sociedades. O que verificou foi uma diversidade de situações de quem vivia na solidão na Diocese de Zaragoza.

Na busca por definir melhor o que significava viver sozinho, José Pablo Blanco Carrasco, no capítulo *Vecindad y formas de vida de las viudas en el mundo rural del centro oeste español durante la Edad Moderna*, analisa a porcentagem de viúvas e solteiras por grupos de idade em 15 municípios de Extremadura, no final do século XVIII. Constata ser pouco frequente a vida na solidão, e apesar de esta acompanhar a viuvez das mulheres, as formas de combatê-la eram buscar a companhia e solidariedade familiar, ou ainda construir uma nova família, que lhes garantiria proteção e assistência frente às dificuldades que tal condição de vida acarretava.

Partindo da análise documental referente a duas localidades da Baja Andalucía (a cidade de El Puerto de Santa María e a Vila de Rota), Jesús Manuel González Beltrán expõe as diretrizes que orientavam a vida das pessoas solitárias na segunda metade do setecentos. No capítulo intitulado *Situaciones de soledad en la Andalucía del siglo XVIII: caracterización y prácticas solidarias*, o objetivo é identificar/quantificar as casas dos solitários, seguindo uma proposta de tipologia de estruturas familiares que permite comparações com outros espaços geográficos. Através da pesquisa é constatado um maior número de domicílios de pessoas que viviam na condição de solteiras do que em viuvez, havendo uma maior presença de mulheres viúvas do que viúvos. Para atenuar a situação de solidão vivenciada, eram acionados diversos recursos, como o de abrigar algum parente ou criado.

Las viudas de los emigrantes canarios a América (1680-1830): entre la esperanza, la soledad y el abandono, de Francisco Fajardo Spínola, aborda a viuvez das esposas de imigrantes das Ilhas Canárias que foram para a América. Para tanto, utiliza como fonte principal 342 registros de viuvez realizados entre 1680 e 1830. Perante os juízes diocesanos, as mulheres que haviam permanecido nas Ilhas Canárias e desejavam contrair segundas núpcias solicitavam atestado de que seus esposos haviam falecido no Novo Mundo. O referido autor constata que eram mulheres que viviam uma situação bastante precária, próximas à pobreza, em relação de bigamia, não recebendo, portanto, mais informações ou remessas dos maridos que haviam emigrado.

Diferentemente dos anteriores, os próximos dois capítulos têm como recorte temporal o tempo presente. Cristina López Villanueva e Isabel Pujadas Rúbies, no texto *La evolución de los hogares unipersonales en España: contrastes entre áreas rurales y urbanas en el umbral del siglo XXI*, tomam como objeto da análise a residência *unipersonal*. Essa é um reflexo da solidão residencial, porém, ao ser analisada na relação com o conjunto dos outros locais de habitação permite chegar a um entendimento mais geral sobre as formas de convivência e residência entre espaços rurais e urbanos. Viver sozinho ao longo da vida não quer

dizer ficar só no fim dela. Nas sociedades contemporâneas, viver sozinho é um fenômeno que tem crescido, sendo provocado não apenas pela condição de viuvez, solteirice ou de divorciado, mas como um reflexo de escolhas que passam a ser altamente valorizadas e desejadas.

Pensando as representações sobre a solidão feminina em áreas rurais da Espanha, Francisco González, no artigo *Mujeres solas en la España rural: sobre tópicos y estereotipos en perspectiva histórica*, discute os desempenhos e imagens negativas das mulheres que assumiram as unidades domésticas sem a presença da figura masculina, em sociedades camponesas que são regidas por um sistema patriarcal e relações orientadas pelo matrimônio. A proposta principal é debater como foram se construindo e reproduzindo algumas representações sociais sobre a solidão residencial feminina a partir dos julgamentos e estereótipos sobre aquelas que não desfrutavam da proteção de seus maridos e o amparo das famílias. Expõe, portanto, diversas situações de mulheres que residiam sozinhas no mundo rural num período de longa duração e as classificações negativas a elas atribuídas.

A segunda parte do livro, que leva o título *América Latina, una panorámica general*, apresenta oito estudos que têm como lócus da pesquisa diferentes países – Costa Rica, Equador, Chile, Argentina e Brasil –, durante o extenso período que começa no século XVIII e vem até o XXI. O primeiro deles, *La milpa por paisaje, los Itzcuintis por compañía: vivir sin familia en el medio rural novohispano*, de Pilar Gonzalbo Aizpuru, trata do território do México rural colonial do setecentos. Neste estudo, surge o indivíduo solitário, homem ou mulher, sem apoio familiar, que, quase sempre oculto, raras vezes aparece como “ativo, dinâmico e influente”. Para os povos da Mesoamérica que presenciaram suas civilizações desmoronar e perder as referências religiosas, culturais e políticas, o significado do sentimento de solidão e abandono ia além da perda de familiares ou parentes próximos. Com relação à realidade chilena, Paulo Alegría Muñoz e Nicolás Celis Valderrama, no capítulo *Experiencias de soledad en femenino: vivir la soledad en el Chile tradicional, siglos XVIII y XIX*, oferecem uma contribuição significativa para o desenvolvimento dos estudos que tratam do tema da mulher que vive sozinha e suas múltiplas formas de manifestação. Para o contexto chileno, a pesquisa pensa a solidão como uma experiência polissêmica, que agrega aspectos materiais e imateriais, questões objetivas e subjetivas de um fato social, que podem ser analisados através das linguagens emocionais presentes nas fontes judiciais dos séculos XVIII e XIX. Os discursos e práticas das *mujeres solas* abrem possibilidades diversas para pensar as dimensões e circunstâncias variadas relativas ao fenômeno da solidão feminina.

Retornando para o tema dos estereótipos negativos sobre as mulheres sozinhas, especialmente as viúvas, Mónica Ghirardi e Dora Celton debatem a respeito de *Las viudas de Córdoba, Argentina, en la transición del Antiguo al Nuevo Régimen ¿Escapadas o sobrevivientes del ciclo vital de dependencia patriarcal?* Analisando os censos cordobeses de anos entre os séculos XVIII e XIX, é verificado que a viuvez feminina se destaca em relação à masculina, em número e variáveis. Tal condição era provocada por motivações diferentes, que iam além do arquétipo único, tendo em vista a diversidade que caracterizava a vida concretas das mulheres que haviam perdido o marido. A imagem da pobreza e debilidade da viúva era, portanto, utilizada pelas mesmas para demandar auxílios e garantir vantagens especiais por conta da sua condição de viuvez. Também estudando as mulheres solitárias na mesma realidade geográfica, no capítulo *Hogares, género, viudez y soltería en la Argentina rural: el caso de Tulumba (Córdoba) a fines del siglo XVIII*, Claudio F. Küffer, por meio dos dados obtidos através de um levantamento quantitativo, busca perceber até que ponto o pertencimento a uma condição, a da viuvez ou da solteirice, especialmente a feminina, redundou em maior solidão, no sentido de isolamento e fragilidade da casa. Constata, portanto, que, numa sociedade marcada fortemente pelo patriarcalismo, os domicílios dirigidos por mulheres, na sua maior parte viúvas, eram marcados por instabilidades e vulnerabilidade.

Mujeres en el páramo andino (Toacazo, Cotopaxi, Ecuador, siglos XVIII-XIX), de autoria de María José Vilalta, trata da vida das mulheres em uma paróquia rural dos Andes a partir dos dados extraídos dos censos da população entre 1778 e 1784 e de 1861. Através de uma análise quantitativa e qualitativa das informações referentes a regiões específicas, são identificados os aspectos que caracterizam a população feminina, os domicílios que chefiavam e as profissões que assumiam. O trabalho feminino, que era realizado em todas as idades em múltiplas profissões, aparece como elemento fundamental para a prosperidade econômica do grupo.

Os domicílios chefiados por mulheres na freguesia Madre de Deus de Porto Alegre, no sul da colônia portuguesa na América, no último quartel do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, foi objeto de pesquisa de Ana Sílvia Volpi Scott, Jonathan Fachini da Silva, Dario Scott e Denize Terezinha Leal Freitas. No capítulo *Sem família? Solteiras e viúvas nos extremos meridionais do Brasil: Porto Alegre no final do período colonial*, os autores buscam esclarecer as características, composição e estrutura dos domicílios. Para tanto, cruzam a análise quantitativa com o estudo da trajetória de algumas mulheres que ocupavam baixa posição na hierarquia social e estiveram à frente dos seus domicílios estabelecendo estratégias de sobrevivência

para si e seu grupo familiar. São destacadas as diferentes experiências vivenciadas por aquelas que viviam sozinhas, mas que contavam com o apoio advindo de recursos relacionais com vizinhos e familiares.

Também tratando de mulheres solteiras e viúvas chefes de domicílios, o penúltimo capítulo do livro *Vivir en soledad* toma como fontes censos e anuários estatísticos referentes à província de Puntarenas, entre 1973 e 2011, a fim de perceber como mudanças amplas e estruturais afetaram os comportamentos femininos. Assim, através do estudo *Viudez y soltería en la costa pacífica de Costa Rica, siglos XX-XXI*, Natalia Carballo Murillo ressalta que abordar o tema da viuvez e solteirice é entender as dinâmicas que marcam tais experiências em diferentes espaços como parte de um processo histórico e de longa data, permitindo, portanto, a realização de comparações e conexões entre diferentes escalas e propiciando, a partir delas, a proposição de novos questionamentos e investigações. Por fim, seguindo uma linha cronológica entre os estudos, Daniela Alicia Gorosito, com o texto intitulado *La maternidad en soledad en el ámbito rural de Argentina (siglo XXI)*, discute um dos temas que marcou a história das mulheres nas diferentes sociedades do passado e do presente, sendo um dos aspectos desencadeadores de estigmas e controles sobre o corpo e a sexualidade feminina. Indo ao encontro de ideias apresentadas em outros capítulos, a autora ressalta que as mães que residiam sozinhas em áreas rurais da Argentina viviam em situação de maior vulnerabilidade, pertenciam aos estratos sociais mais baixos, possuíam menor nível de escolaridade e poucas oportunidades de trabalho para dar conta da criação dos filhos. Porém, enfrentar a maternidade sozinha nem sempre colocava as mulheres num estado de maior fragilidade.

Sobre a vida na solidão no mundo rural, não apenas em relação ao habitar sozinho, mas como um estado emocional de sentir-se só, os capítulos deste livro procuram entender como essas mulheres viviam, que recursos acionavam e quais os significados que existiam a respeito da vida solitária. Todos esses aspectos são tratados nos estudos que compõem o livro aqui resenhado, possibilitando, assim, conhecer as formas e manifestações da solidão em diferentes espaços e temporalidades. As contribuições que abordam ambos os lados do Atlântico, com sua diversidade étnica, cultural, econômica e

complexidade social, são significativas não apenas para a historiografia de seus respectivos países, mas também para novas investigações sobre um tema pouco abordado, porém necessário na atualidade, que é o da solidão. Essa condição, entendida como opção ou necessidade, revela as facetas de mulheres que se encontravam em condições diversas, seja de solteiras, viúvas ou abandonadas pelos maridos ou familiares de um modo geral.

A solidão como uma experiência social possibilita analisar a capacidade de agência e autonomia através das decisões e recursos acionados, bem como apreender as práticas e estratégias para enfrentar qualificações negativas e tentativas de controle que visavam diminuir os espaços de ação e liberdade femininas. Tanto no passado como no presente, as mulheres possuíam e possuem papel ativo na direção de seus domicílios, na conquista e preservação de um patrimônio, inserindo-se em diferentes espaços de trabalho, seja no mundo rural ou urbano.

O desenvolvimento dos estudos que utilizam uma perspectiva de gênero, procurando nas análises levar em conta a intersecção entre etnicidade, raça, classe, condição social e opção sexual, é essencial para pensar a “astúcia” feminina, as relações e a não dependência da figura masculina. As diversas e amplas esferas de atuação das mulheres, suas estratégias e questionamentos aos papéis tradicionais de mãe, esposa e filha, variam em amplitude e intensidade de uma sociedade para outra. É possível entender esses papéis são possíveis por meio de uma análise que aproxime a lente de observação das trajetórias e escolhas individuais, enquanto uma decisão metodológica para apreender a complexidade de cada situação, as margens de manobra, os jogos de gênero, os artifícios, a agência e o peso dos recursos relacionais, propiciando, assim, perceber os limites possíveis em relação às escolhas em cada realidade social.

Ressalta-se que alguns aspectos destacados pela perspectiva da micro-história são mencionados em alguns capítulos, como o de tomar uma experiência ou situação específica como ponto de partida para indagar sobre processos históricos mais gerais e temas até então pouco trabalhados, tais como os modos de viver, sentir e agir das mulheres que viviam sozinhas em diferentes sociedades rurais e urbanas.

Submetido em: 17/03/2022

Aceito em: 15/05/2022